

Virginia Woolf

Alexandra Lemasson



BIOGRAFÍAS L&PM POCKET

Virginia Woolf

Alexandra Lemasson



Alexandra Lemasson

Virginia Woolf

Tradução de ILANA HEINEBERG

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Prólogo

Em março de 1941, uma das maiores romancistas inglesas de seu tempo decide pôr fim em seus dias. Tem 59 anos. Não estudou, não teve filhos, passou grande parte de sua vida com o mesmo homem. Deixa para trás uma obra rica e fascinante que conta com onze romances, quatro ensaios, uma peça de teatro e centenas de artigos críticos. Quem é Virginia Woolf? Uma das maiores figuras da literatura inglesa que as pessoas acreditam conhecer bem. É a vantagem da celebridade. O inconveniente também. A sra. Woolf é lembrada, mas não necessariamente por boas razões. Bastaria um passeio por sua obra para ter uma apreciação mais justa da autora: de *Passeio ao farol*, passando por *Mrs. Dalloway*, antes de jogar-se com tudo em *As ondas*. A menos que se prefira ficar com *O quarto de Jacob* ou *Orlando*, depois de um desvio por *Um teto todo seu* e uma parada merecida em *Entre os atos*. Um périplo que pode exigir a leitura de *Os anos*, quando uma lenda se sustenta em uma frase. Virginia Woolf tem a reputação de ser uma autora difícil. Sua própria vida é cercada de um halo de mistério. Suas depressões. Sua loucura. Seu suicídio. Tudo parece convergir, fazendo dessa mulher uma heroína trágica. Em 1966, o dramaturgo Edward Albee escreve uma peça sem relação com a romancista, mas cujo título sugere à perfeição os sentimentos que ela tem o dom de suscitar. Quase sem querer. *Who is Afraid of Virginia Woolf?* [*Quem tem medo de Virginia Woolf?*] Muita gente. Quem a lê? Poucos. Seria preciso então começar pelos seus livros sem jamais ter ouvido falar em sua vida. Ignorar a lenda para descobrir sua verdade. Começar pelo fim na esperança de descobrir o início e para que surja, nos volteios de uma frase, o riso dessa mulher por quem apenas a vida imaginária valia a pena ser vivida.

O último capítulo da vida de Virginia é escrito no dia 28 de março, mas sua decisão já data de vários dias. Naquela manhã, quando acorda, sabe que é impossível voltar atrás. Também não o deseja. Quer apenas a paz. Não vê outra saída. Como todas as manhãs, precipita-se à edícula no fundo do jardim onde costuma escrever. As coisas estão todas em seus devidos lugares. Sua mesa de trabalho. Seus cigarros. Suas notas esparsas.

Entretanto, o seu trabalho naquele momento não se parece em nada com o de outros dias. Trata-se de escrever uma carta, que sabe ser a última, a seu marido, Leonard. Uma vez mais busca a palavra exata, aquela que poderá fazê-lo compreender a necessidade de seu ato. Suas mãos trêmulas já não aguentam mais. As frases correm de sua pluma com uma facilidade que ela parece reencontrar quando já é tarde demais. Terminada sua tarefa, sente-se quase que aliviada de ter podido formular o que está sentindo. Sabe que ele entenderá. Não quer mais perder tempo. Não deve deixar a possibilidade para que a dúvida surja. Precisa ser forte. Pela última vez. Esconde cuidadosamente a carta ao lado daquela que escreveu alguns dias antes à sua irmã. A seguir, desce de novo, calmamente, pega seu casaco de pele, sua bengala e sai para seu passeio cotidiano.

Meu querido,

Estou ficando louca, tenho certeza. Não podemos reviver aquela época horrível. E desta vez eu não vou me curar. Estou começando a ouvir vozes e não consigo me concentrar. Então estou fazendo o que acho ser o melhor. Você me deu a maior felicidade possível. Você foi, em todos os pontos, o melhor dos homens. Não acho que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes até a chegada desta terrível doença. Não consigo mais lutar, sei que estou estragando sua vida, sei que sem mim você poderia trabalhar. Você poderia, eu sei disso. Você vê, nem isso eu estou conseguindo escrever direito. Não consigo ler. O que eu quero dizer é que lhe devo toda a felicidade da minha vida. Você foi incrivelmente paciente comigo e incrivelmente bom. Faço questão de dizê-lo. Todo mundo sabe disso. Se alguém poderia ter me salvado, teria sido você. Tudo me abandonou, exceto a certeza de sua bondade. Não posso continuar desperdiçando a sua vida. Não acho que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes do que nós.

Como todo dia na hora do almoço, Leonard sobe à sala para ouvir o noticiário. Surpreende-se que Virginia ainda não tenha voltado. É quase uma hora da tarde. Quando reconhece a letra da sua mulher no envelope, entende tudo. Desde as primeiras palavras. Precipita-se no jardim ofuscado de tanta dor. Já sabe que é tarde demais. Virginia acaba de se jogar nas águas geladas do Ouse tendo tido o cuidado de colocar nos bolsos de seu casaco pedras pesadíssimas. O rio está alto. Leonard encontrará apenas a sua bengala abandonada na margem.

O paraíso perdido

A vida de Virginia começa com um fascínio. Não a vida real, mas a vida imaginária, à qual a romancista dedicará toda a sua existência. Desde a infância, há, de um lado, a vida e, de outro, os sonhos. Mais tarde, haverá a realidade e os livros. No começo, uma cidadezinha da província inglesa de Cornwall onde Virginia passa suas férias de verão em família. St. Ives: o nome desse lugar é por si só um convite ao sonho. A promessa de partir. A recompensa de um ano inteiro. É preciso ter aguentado longos invernos chuvosos em Londres, ter se aborrecido muito em Kensington Square, antes de enfrentar, no mês de julho, uma longa viagem até chegar a esse vilarejo escondido no sul da Inglaterra. Como toda família vitoriana que se preze, os pais da pequena Virginia Stephen têm duas casas. A de Londres no número 22 da Hyde Park Gate, no abastado bairro de Kensington, e a de St. Ives, onde a família costuma veranejar. Quando Virginia nasceu, em 25 de janeiro de 1882, o sr. Stephen pai já havia adquirido, há um bom tempo, uma casa enorme e quadrada, semelhante a um desenho de criança, que toda a família considera romanesca. Para a pequena Ginia, que passa todos os seus verões ali até os doze anos, a Talland House é o lar da alegria e St. Ives “o melhor início de vida que se possa conceber”. Ali tudo é luz, calor, sensualidade, cores. Justamente aquilo que falta cruelmente à vida cotidiana em Londres. Do quarto das crianças, a vista da baía é de uma beleza de cortar o fôlego. Virginia passa horas observando o vaivém perpétuo da flotilha de pesca. O que ela mais gosta são os dias de regata. Todas aquelas bandeiras e aquelas pessoas tão agitadas, tanto em terra quanto no mar, que dão a impressão de sair de um quadro francês. Um país que ela não conhece senão por uma tia de sua mãe que alega ter sangue francês em suas veias. Um fato muito exótico a seu ver e que não deixará de orgulhá-la. Em St. Ives, Virginia sonha e acumula, sem se dar conta, matéria para sua obra futura. A cada verão, entope-se até enjoar dessa sensação de suavidade e de plenitude que só sente ali. Dos gritos de criança que lhe chegam de longe. Da ressaca das ondas que quebram invariavelmente na praia. Dessa luz sem igual que mais tarde tentará encontrar, buscando em sua paleta a nuance adequada. Para Virginia Woolf, a cor da infância estará sempre associada a St. Ives, que

pintará depois à sua maneira. Única. Impressionista, cristalina, irisada. Por enquanto, Virginia é uma menininha de sete anos que sonha deitada em sua caminha. Ainda é cedo, silêncio total na Talland House. Os primeiros raios passam através do toldo, que se move com a brisa, ela se deixa ninar pelo suave barulho das ondas. “Ouço as ondas que se quebram – um-dois, um-dois – e que lançam um feixe de água sobre a praia, e depois se quebram – um-dois, um-dois.” Um fluxo alternadamente apaziguante e obsessivo que ela gosta de ouvir meio adormecida, meio desperta e que dará sua pulsação íntima aos romances que virão. Em Virginia Woolf como em Marcel Proust, por quem ela terá uma admiração total, tudo começa com aqueles inícios de manhã em que a consciência se acorda para o mundo. Um por um, os objetos retomam seu lugar, as sensações se liberam de seus invólucros, as lembranças da véspera remontam à superfície da consciência: para a menininha, é um momento de puro êxtase. Em *A Sketch of the Past* [*Um esboço do passado*], narrativa autobiográfica que sua irmã a incitará a escrever no final de sua vida, Virginia Woolf transformará os despertares em St. Ives na pedra angular dessa obra considerável, que a coloca entre os principais autores do seu século: “Se a vida repousa sobre uma base, se é uma taça que enchemos [...] então minha taça, não há dúvida, repousa sobre essa lembrança”. Fazer com que a infância dure, encontrar seus fragmentos embaralhados, restituir suas cores cintilantes, suas sonoridades sufocadas pelo barulho lancinante das ondas, essa será a busca de Virginia Woolf.

Se eu fosse pintora – escreve –, eu restituiria essas primeiras impressões em tons de amarelo pálido, prata e verde [...] Representaria pétalas recurvadas; conchas; coisas semitranslúcidas; traçaria formas arredondadas através das quais se veria a luz, mas que permaneceriam imprecisas.

Ela o fará com aquela sensibilidade exacerbada que lhe é própria. Com uma sensualidade da qual parece desprovida ao passo que sua prosa banhada de sol afirma o contrário. Com palavras dotadas de uma musicalidade cujo segredo só ela conhece. Para reconstituir o caminho da infância, é preciso seguir os livros que são como pedrinhas brancas que levam até a colina escarpada de St. Ives. Seja em *Passeio ao farol*, em *As ondas* ou ainda em *O quarto de Jacob*, essa cidadezinha está no âmago da obra de Virginia Woolf, semelhante a um país longínquo que somente o imaginário permite acessar novamente. De preferência, deve-se acostar na baía que será imortalizada por Virginia em *Passeio ao farol*, transfiguração idealizada daqueles verões em Cornwall. O quadro mágico faz parte daquilo

que nunca esquecerá: “uma vasta baía toda recortada com as bordas sublinhadas de areia”, com a torre branca e preta do farol avistada ao longe. O pai de Virginia, um homem sombrio e austero que tem pouca intimidade com seus filhos, instaurou um hábito de verão: a cada dez dias os leva ao mar e confia o leme ao pequeno Thoby. Essa cena da vida familiar inspirará Virginia Woolf em seu quinto romance, cujo argumento pode ser explicado em poucas palavras. *Passeio ao farol* é a história de um menino chamado James, muito parecido com o irmão mais velho de Virginia, que se vê privado do passeio devido ao mau tempo. A partir desse pretexto ínfimo, escreverá um dos seus mais belos romances. Toda a sua infância encontra-se nessas páginas. A sua mãe, Julia Stephen, uma mulher amorosa e devotada, seu pai, Leslie, sua irmã mais velha, Vanessa, e seus dois irmãos, Thoby e Adrian. Thoby é o ídolo de Virginia. Seu *alter ego*. Aquele que inveja em segredo. Sente ciúme das vantagens que tem por ser menino. Não apenas lhe confiam a tarefa de trazer o barco ao porto, mas, em Londres, tem uma sorte inestimável: ir à escola. Virginia, por sua vez, aprende com o único meio de que então dispõe: seu senso de observação. Thoby é um personagem central na vida de Virginia, mas também em sua obra. Empresta sua sensibilidade ao pequeno James, privado do passeio ao farol, e também inspira sua irmã mais nova na criação do personagem principal de *O quarto de Jacob*. Virginia escreverá esse terceiro romance em 1920, em Monk’s House, pequena casa de madeira de dois andares, cercada de árvores, moitas e flores. É nessa propriedade, situada no vilarejo de Rodmell, perto de Lewes, que os Woolf se refugiarão durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse cenário campestre, Virginia comporá, com uma rapidez e uma alegria que não vão durar, a abertura marítima desse romance em forma de elegia. Pela magia da escrita, com trinta anos de intervalo, novamente tudo está ali. Nada mudou. Os gritos das crianças amortecidos pela ressaca, o enorme caranguejo frio que enxotam com diversão, a água carregada de areia e o baldinho tão pesado carregado com esforço. O paraíso perdido ao alcance da mão. Tal é a força da escrita: abolir o tempo, suprimir as distâncias, reunir os opostos. Na página em branco, Virginia Woolf se permite todas as liberdades e buscará, ao longo de toda sua vida, encontrar a luminosidade tão particular dessa região ornada de todos os atrativos: a infância.

Embora conformada ao modelo vitoriano, a família Stephen tem algo de eminentemente moderno: é uma família que se recompôs. Em 1878, quando Julia Prinsep Jackson, a mãe de Virginia, casa-se com Leslie Stephen, já tem três filhos de um primeiro casamento com Herbert Duckworth: George, nascido em 1868, Stella, nascida em 1869, e Gerald, em 1870, alguns meses depois da morte brutal e prematura de seu pai. Leslie, por sua vez, tem Laura, filha de um primeiro casamento que passa a maior parte de seu tempo em uma instituição psiquiátrica. Junto, o casal terá quatro filhos. Vanessa, a mais velha, nascida em 1879, Thoby, em 1880, Virginia, em 1882, e Adrian, em 1883. Para abrigar essa família numerosa em Londres, o casal escolheu morar no 22 Hyde Park Gate, uma casa grande no coração do bairro burguês de Kensington, dotada de vários quartos pequenos. Todos os anos, em junho, essa turminha alegre toma o trem, sob os olhares severo de Leslie e protetor de Julia, para passar dois longos meses de férias longe da agitação londrina. É sempre com alegria não disfarçada que Virginia troca a capital por esse vilarejo escarpado de ruas estreitas e ventosas onde lhe dão um pouco mais de liberdade. Todos os anos, depois de uma viagem cansativa, basta abrir o grande portão de madeira da Talland House para que o sonho de todo o ano se torne realidade. Descer até a cidade para comprar pregos e incomodar os gatos, jogar críquete com sua irmã preferida, correr atrás das borboletas em companhia de Thoby ou ainda ir à praia. Escalar rochedos, observar as anêmonas que estendem seus tentáculos, capturar peixinhos, são tantos os jogos mais divertidos do que ir duas vezes por dia à pracinha de Kensington! Se a Virginia menina fica tão feliz ao trocar Londres pela casa de férias com sua família, ao tornar-se adulta, nada lhe parecerá mais excitante do que deixar o campo para ir distrair-se na cidade. Em qualquer época, a geografia pessoal de Virginia Woolf se situará na dualidade da infância que buscará reproduzir, tanto no que se refere a Londres quanto a St. Ives. Mais tarde, Londres, lugar das mundanidades que atrairão vivamente Virginia, se oporá a Rodmell, cuja calma será propícia à escrita. E também, algumas vezes, ao tédio. Virginia escreverá ali, longe da rodaviva londrina, inúmeras páginas de seu Diário, mas também *As ondas* e *Os anos*. Entre duas sessões de escrita, apreciará percorrer esse interior, onde sempre encontrará calma e inspiração. Em toda a sua vida, Virginia tentará recriar essa dualidade própria à infância. Seja nos lugares que escolherá

para morar ou nos livros que decidirá escrever. Em Londres, passará do bairro de Kensington ao de Bloomsbury para finalmente se instalar com seu marido no número 52 Tavistock Square, numa grande construção do século XIX que será bombardeada durante a guerra. No campo, haverá o episódio Richmond, subúrbio tranquilo onde Virginia se impacientará para voltar à capital, mas também Hasheham, uma estranha casa melancólica, e enfim Monk's House, em Sussex, lugar de retiro durante a Segunda Guerra Mundial.

A mesma dualidade aparece nos livros. *Orlando*, *Mrs. Dalloway* ou *Um teto todo seu* pertencem decididamente a Londres, descrita pela romancista em seu Diário como um lugar “mágico, no qual somos imediatamente transportados ao âmago da beleza sem ser preciso erguer um dedo”. Já *Passeio ao farol* ou *As ondas* inspiram-se, sem dúvida, em St. Ives, paraíso da infância, onde sopra um vento de alegria e de liberdade.

Na paisagem imaginária de Virginia Woolf esses dois polos entre os quais sua vida se situa jamais são contraditórios. Atraem-se. São duas facetas constitutivas de seu ser ao qual o elemento aquático contribui, dando uma unidade. No polo de Londres, como no de St. Ives, a água está em tudo. Onipresente. Invasora. Fascinante. É por ela que tudo começa e tudo acaba. O fascínio original e a atração final. St. Ives e o rio Ouse. A infância e a morte. Entre ambos, romances invadidos por enxurradas, ritmados por ressacas, semelhantes a “ilhas de luz” que Virginia fará questão de captar em seu próprio movimento, que é também o da vida. Em *As ondas*, que publicará em 1931, o barulho do mar estará mais presente do que em qualquer um dos seus livros, chegando inclusive a pulverizar a intriga em proveito do ritmo. Seis personagens se entrecruzam e proferem solilóquios. Rhoda, silhueta miúda, delicada e translúcida, permeável a todos os choques da existência, se parece como uma irmã com a pequena Ginia. Em seu Diário, a romancista escreverá a propósito desse livro, cuja concepção foi tão longa e tão dolorosa: “Será a infância, mas não será minha infância”. Uma afirmação que diz muito sobre o seu trabalho de composição. Virginia Woolf mais do que ninguém se inspira em sua vida para compor o material de sua obra, mas seu trabalho consiste em apagar qualquer indício autobiográfico. Para tanto, inventará uma língua e uma estrutura narrativa decididamente inovadoras. Seus primeiros romances, como *A viagem* ou *Passeio ao farol*, permitem seguir suas pistas, ao passo que os da

maturidade demonstram uma passagem do particular ao geral e um experimento formal que contribuem para embaralhar as pistas. Quanto ao tema de *As ondas*, ela anotará claramente em seu Diário que se trata de uma autobiografia antes de precisar, na sequência, que não dará nenhuma indicação nem de tempo nem de lugar. Nesse momento em que o romance projetado ainda se intitula *Os efêmeros*, ela pensa inclusive em não dar um nome ao personagem principal: “Será simplesmente ela”.

A infância de Virginia Woolf está gravada nesses livros, mas o problema é encontrá-la. A romancista disfarça, desloca e desvia os fatos a fim de não cair na confissão autobiográfica pura e simples. Seu Diário é todo abastecido por ela mesma, suas dúvidas, suas expectativas, suas esperanças; seus romances, em contrapartida, não a desvendam a não ser de forma mascarada. O sentimentalismo é a sua maior aversão. O despudor, uma falta que sempre julgará imperdoável. A fim de evitar todo e qualquer pendor à exibição autobiográfica, sempre irá se policiar, em cada um de seus romances. É absolutamente preciso “erguer um muro entre o livro e o autor”, escreverá referindo-se a *O quarto de Jacob*. Uma exortação à qual não deixará de dobrar-se um pouco mais a cada livro. Em *As ondas*, não hesitará em quebrar a própria noção de individualidade. Entretanto, apesar dos diferentes estratagemas utilizados, Virginia está ali. Se Rhoda puxou a ela, sempre oscilando devido à violência de suas emoções, Virginia também tem semelhanças com Louis, perdido em seus devaneios, e tem a mesma inteligência viva do brilhante Neville. Obra-prima absoluta, *As ondas* permite ouvir o canto polifônico de seis crianças condenadas à solidão e à morte. Seis crianças que, assim como a pequena Ginia, lembram-se: “Bem no início, havia o quarto com suas janelas que davam para o jardim e, depois do jardim, avistava-se o mar”. Estamos novamente na Talland House em 1889. Quer seja em *As ondas*, *A viagem* ou em *O quarto de Jacob*, as imagens da infância guardaram todo seu poder de evocação. Perto dos sessenta anos, quando Virginia pensa no que foi sua vida, é ainda de St. Ives que ela lembra: “Nada do que tivemos durante a infância foi tão importante quanto nossos verões em Cornwall. Ir ao outro extremo da Inglaterra, ter nossa própria casa, ter aquela baía e aquele mar”.

No centro desse quadro idealizado, velando por sua tribo todos os verões, uma mulher: Julia Stephen. Viva, espontânea, devotada à sua família, será uma das figuras mais importantes da obra da sua filha mais

moça. Em 1939, quando Virginia começará *A Sketch of the Past*, narrativa autobiográfica na qual passará em revista os diferentes membros de sua família, falará de sua dificuldade de ter uma imagem precisa de sua mãe. Prova disso é que chegará a ponto de errar sua data de nascimento: acredita ser 1848, ao passo que Julia Prinsep veio ao mundo em 1846. Lembra-se no entanto de seu livro de cabeceira: *Confissões de um comedor de ópio*, de De Quincey, e de seu autor preferido: Walter Scott. E, acima de tudo, daquilo que todos lembram igualmente: sua beleza extraordinária. Para Virginia Woolf, a história de sua mãe parece se resumir em um erro: ter casado pela segunda vez, com o seu pai. Tudo parecia entretanto predestinar Julia Prinsep à felicidade. Aos 21 anos, essa moça de boa família que passou sua infância nas Índias casa-se com Herbert Duckworth, fidalgo de aparência agradável que a deixa viúva quatro anos mais tarde. Para Virginia, esse homem que não conheceu, mas do qual tanto ouviu falar, é, em todos os sentidos, o oposto de seu pai, que faz mais o tipo intelectual. Assim como idealiza o primeiro casamento de sua mãe, estigmatiza o segundo, que torna responsável por todas as infelicidades dela. Julia conhece Leslie Stephen depois de ter lido um de seus escritos. Seduzida por sua inteligência, decide visitá-lo. Ele mora perto de sua casa. Na época, é casado com Minny Thackeray, uma mulher doce e apagada que morre em 1875. Três anos mais tarde, Leslie Stephen casa-se com Julia Prinsep, seduzido por sua graça natural. Julia, por sua vez, sente uma grande admiração por esse homem a quem em breve dará quatro filhos. Sua morte prematura, aos 49 anos, fará dessa mulher de beleza altiva um personagem fantasmático que será reencarnado pelas heroínas de Virginia Woolf. Da sra. Ramsay, em *O passeio ao farol*, até a sra. Pargiter, em *Os anos*, Julia Stephen está simultaneamente por tudo e em lugar nenhum, como uma lembrança que se volatiliza assim que tentamos capturá-la. Em *A Sketch of the Past*, conta que sua dificuldade em evocar sua mãe se dissipou assim que se tratou de construir um personagem de romance. “Quando voltei a ela para escrever”, diz, “encontrei-a logo nas primeiras palavras.” De todas essas mulheres representativas do ideal vitoriano que Virginia Woolf colocará em cena ao longo de toda a sua obra, a sra. Ramsay, de *Passeio ao farol*, é a mais bem-sucedida. A mais perturbadora também nas semelhanças que possui com Julia Stephen. Vanessa, leitora fiel de sua irmã, não se deixará enganar. O livro a transtornará. Encontrará ali um retrato fiel daquela que tanta falta faz

a ambas e que Virginia soube tão bem ressuscitar. Aquela que se encontrava “no próprio coração dessa espaçosa catedral que (era) a infância” conhecia a arte de dar à vida uma alegria e um prazer sem igual. É para ela que a menina Virginia começa a redigir o *Hyde Park Gate News*, jornalzinho semanal no qual narra as anedotas familiares, depositado todas as segundas na bandeja de café da manhã de sua mãe, para ouvir aquele riso tão parecido com o seu. É também para ela que “a Cabra”, como foi apelidada por seus irmãos e sua irmã, faz improvisações, revelando um senso de teatralidade do qual tirará partido muitos anos depois em uma peça intitulada *Freshwater* [*Água fresca*]. A pequena Ginia multiplica as estratégias para divertir essa mulher cuja tristeza, disfarçada pelo turbilhão da sua existência, foi a única a perceber. Em Londres, não existe uma noite sem um *vernissage* ou um jantar. Nas férias, na Talland House, os convidados importantes se sucedem. Os Stephens, mesmo não sendo riquíssimos, são pessoas com uma boa situação financeira, cultas, muito preocupadas com a troca de correspondência e que dão grande importância à vida social. O escritor Henry James faz parte dos fiéis. É um amigo de Leslie que vem frequentemente passar fins de semana em St. Yves. Há também John Addington Symonds, outra figura literária da época, acompanhado de sua mulher. Mas também os meios-irmãos de Virginia, Gerald e George Duckworth, chegados diretamente de Cambridge com alguns amigos. Todo esse mundinho grita, tagarela, agita-se. É um dia claro em que a vista que se tem da baía está completamente limpa. Uns optam por um passeio ao farol. Os outros preferem ler no jardim. No ar, um sentimento de tranquilidade e de alegria. Para Virginia, essa atmosfera que se parece com a da felicidade é obra da mulher cuja beleza todos celebram: sua mãe. Como Clarissa, de *Mrs. Dalloway*, conhece a arte de receber. Como a misteriosa sra. Ambrose, de *A viagem*, a de compreender as aspirações de qualquer menina. Esposa devotada, mãe perfeita, ela é o “anjo do lar” vitoriano, sempre precedida pela música de suas pulseiras nessa vasta casa que, sem ela, perderá sua alma. Depois do falecimento da sra. Ramsay, em *Passeio ao farol*, a casa das Hébridas, que lembra a Talland House, fica parecida com uma concha vazia, abandonada sobre a duna. Sem a sra. Ramsay ou sem a sra. Stephen, o mundo perde até seu sentido. Em sua narrativa autobiográfica, Virginia Woolf lembra que sua mãe, assim como ela, tem a faculdade de dissociar seu eu profundo de seu eu social.

Seus amigos querem acreditar na alegria que demonstra em todas as circunstâncias. Apenas Virginia conhece aquele outro rosto que Julia raramente mostra, aquele jeito tão seu de baixar as pálpebras revelando de repente toda a tristeza que toma conta de sua alma. E também essa lassidão de dever assumir sozinha o peso de sete filhos. E até mesmo um oitavo, na figura de seu marido, Leslie Stephen. Um homem austero e taciturno. Um intelectual que dedica a maior parte de seu tempo à redação de um monumento: o *Dicionário biográfico nacional*. Para muitos, Julia Stephen é o arquétipo feminino daquela burguesia vitoriana que será reprovada por sua filha. É sua vítima também. Virginia Woolf, ao começar seu *A Sketch of the Past*, perto dos sessenta anos, não terá perdido nada de sua cólera contra essa sociedade patriarcal tirânica que seu pai, a seus olhos, sempre encarnou. Quando tentar descrever sua mãe, encontrará as seguintes palavras, aparentemente tão duras:

Que realidade pode restar [...] de uma pessoa morta aos 49 anos, sem deixar um livro, nem um quadro, nem obra alguma de exceção a não ser seus filhos que ainda a sobrevivem e guardam no espírito uma lembrança dela?

Para Virginia Woolf, que tanto fará em seus escritos para defender os direitos femininos, não resta dúvida de que sua mãe, ao escolher casar-se pela segunda vez com aquele “barbudo descarnado”, simplesmente se matou trabalhando. Podemos ler em seu relato autobiográfico essa constatação lapidar da qual emana um ressentimento que os anos não atenuaram: “Ela morreu sem sofrimento, de esgotamento, aos 49 anos; ele achou duro demais morrer de um câncer aos 72 anos”. Durante toda a sua infância e a sua adolescência, Virginia sofre ao ver seus pais como um casal desequilibrado como um bom número dos quais pode observar em torno dela. De um lado, o “anjo do lar” que se mata trabalhando. De outro, o intelectual taciturno que impõe a toda a casa viver no ritmo requerido pelo trabalho de titã ao qual decidiu consagrar sua vida. Adulta, Virginia terá uma só obsessão: jamais reproduzir em sua casa o modelo dos pais. Jamais aceitar a tirania masculina como sua mãe foi obrigada a fazer. Virginia escreverá. Vanessa pintará. Cada uma à sua maneira, as filhas de Stephen farão o que sua mãe, submissa ao duplo jugo do marido e de uma época, foi privada de fazer: realizar-se.

Simbolicamente, esse período de alegria marcado pela tranquilidade e pela luz dos verões em Cornwall termina em 1906, durante uma viagem à

Grécia. Nesse ano, os Stephen filhos resolvem sair de Londres, na esperança de afastarem-se da tristeza que vivem desde a morte de sua mãe, de sua meia-irmã Stella e de seu pai. Sofrem ainda com esses lutos recentes que marcaram sua família, mas essa sucessão de provas os uniu, e é também com entusiasmo e paixão que cada um se prepara para esse périplo. Nessa época, Thoby é aluno interno em Cambridge e se prepara para o exame de admissão na ordem dos advogados, enquanto suas duas irmãs, conforme a tradição vitoriana, ficam isoladas no número 22 da Hyde Park Gate e aprendem aquilo que toda moça bem-educada da burguesia tradicional deve saber. Virginia sempre foi influenciada por esse irmão dois anos mais velho, pelo qual tem verdadeira admiração. É nele que Leslie havia depositado todas suas esperanças. Thoby é um rapaz sensível e voluntarioso. Um espírito superior que tem a sorte de poder estudar, ao passo que Virginia é privada dos estudos. Entre eles existe, antes de tudo, uma história de afinidade intelectual. Um fascínio recíproco. Ele é o primeiro a falar-lhe dos gregos. Com uma emoção e uma confusão tais que ela percebe a amplitude da descoberta do irmão e se precipita à biblioteca do pai para apoderar-se de tudo que pode encontrar sobre o assunto. Durante semanas, lê, com o mesmo frenesi presente em tudo o que faz, aqueles autores de que seu irmão tanto gosta. É uma verdadeira revelação. A partir de então, não haverá uma só manhã sem que ela leia em grego. É ainda Thoby que lhe explica que “tudo está em Shakespeare”. Alguns anos mais tarde, escreverá um ensaio sobre as mulheres intitulado *Um teto todo seu*, no qual não hesitará em inventar uma irmã para o dramaturgo inglês. Para ela, a preparação dessa viagem à Grécia com sua irmã e seus irmãos é, antes de tudo, literária. Vanessa, por sua vez, cuida do aspecto prático das coisas. Cada um espera, sem muito acreditar, encontrar ali o paraíso perdido da infância. Aquela forma de despreocupação e de liberdade que tanto amavam nos tempos da Talland House. Adrian e Thoby decidiram partir como batedores. As duas irmãs quiseram juntar-se a eles. Em Atenas, Virginia tem a sensação de encontrar a luz exata de Cornwall. Pensa em sua mãe, em sua meia-irmã, em seu pai, na dor de ser órfã, na comiseração com que todos os veem. Esse périplo, longe de cumprir a sua ideia inicial, vai ganhar, ao longo das semanas, ares de um verdadeiro pesadelo. Ao passo que Vanessa alimenta como de costume temores quanto à saúde da sua irmã, é ela quem fica doente. Ao chegarem a Corinto, os meninos continuam a viagem, enquanto